

Histórico das mudas frutíferas e ornamentais



Tudo começou quando Pietro Nasato nascido aos 27/ 02/1845 em Istrana na Itália, veio para o Brasil, casado com Ursola Simoni de Vígolo, trazendo 2 filhos, Ângelo e Fiorindo Nasato, nos anos de 1875 a 1876 e que se localizaram no Rio dos Cedros – São José. A família trouxe vários tipos de mudas de frutas, como: uvas, pêras, pêssegos, ameixas, figos e caquis, que veio de lá já com o conhecimento de algumas técnicas de enxertia.

Aqui no Brasil teve vários filhos entre eles Ângelo que nasceu em 1878 e casou em 1898 com Elvira Ossemer, nascida em 1880 e tiveram 13 filhos. Ocupavam-se, além da roça, também com um engenho de farinha de milho. Pelos anos de 1913 a 1915, saíram de Rio dos Cedros em busca de outras terras em Laurentino, já que a família estava numerosa; aqui nasceram mais dois filhos. Ângelo era uma pessoa muito séria e enérgica, procurou logo construir a casa, dentro da medida do possível, para agasalhar tantos filhos. Montou um moinho de fubá, aproveitando a água de uma linda cachoeira, bem como trabalhavam na roça. Não perdeu tempo para fazer seu pomar de frutas, com pêras, pêssegos, uvas, figos, caqui e etc. quando as árvores começaram a produzir os frutos, estes eram repartidos com os vizinhos para que os provassem, pois tudo ainda era novo. Foi o primeiro a conseguir um carro de mola que levava os passageiros a Rio do Sul, uma vez por semana. Elvira uma mulher piedosa e calma morreu com 46 anos, deixando Ângelo com todo o peso da enorme família. Ela antes de falecer pressentiu sua morte para o dia 24 de maio às 14 horas, preparando as filhas mais velhas do que iria acontecer e pedindo que cuidassem dos filhos pequenos; e assim aconteceu.

Dentre todos os filhos estava Pedro Nasato (Pietro Neto) nascido em 28 de outubro de 1904 (o 5º da família) casou com Rosália Avi, nascida em 9 de julho de 1908. Pedro com 19 anos e Rosália com 16 anos. Muito pobres, foram morar num rancho de palha bem pequena e cuidava de uma modesta serraria que era do avô. Tratou de construir sua casa porque logo nasceria seu 1º filho, em 1925. A casa foi construída acima da cachoeira, numa lombada muito bonita, avistando as serras de ambos os lados, na comunidade de Ribeirão Laurentino. Logo tratou de plantar as árvores frutíferas, (continuando o trabalho dos pais e avós), que ele mesmo fizera o enxerto. Na frente da casa plantou laranjeiras, com 48 tipos de variedades, já naquela época. Mais adiante um pouco, fez um pomar macieiras, marmeleiros e pereiras. Seguindo estes, plantou as uvas (que fabricava o vinho). Perto de casa estavam as ameixeiras com vários tipos. Debaixo da sombra destas, havia as colméias das abelhas, onde o mel extraído, era o sustento da casa, já que o açúcar mascavo era raro. Na frente da casa Rosália também mostrou sua habilidade, fez um jardim de flores que dizia ela, que devia mandar as flores para a igreja ornamentar o altar sempre que o padre vinha para celebrar a missa. O acabamento do jardim era feito com os caquizeiros que iam até a estrada. Perto do rio estavam as tangerineiras. A horta que servia para o plantio dos enxertos que Pedro fazia estava cercada de figueiras. Além de toda esta abundância de frutas, tinham as frutas do mato: gabiobas, tarumãs, cortiças, araçás, amoras, pintabunas e cerejas. O mato era muito zelado pelo pai, era lá que as crianças brincavam aos domingos, comendo frutinhas e fazendo balanços, pendurados nos galhos das árvores. Mas, os filhos foram crescendo e o pai percebeu que poderiam ajudar; e na expressão dele: “picoli e grandi, tuti a laorar” (pequenos e grandes todos ao trabalho). Mas, quem eram esses grandes, se o mais velho estava entre 9 e 10 anos?. O trabalho de enxertia mais fácil, na época, era feito à noite na época de inverno, porque durante o dia, tinham outros trabalhos da roça, dos animais, etc. então todos sentados ao lado da mesa, preparavam os cavaletes e as hastes, a mãe colocava brasas acesas em formas, debaixo da mesa, para que pudessem suportar o frio, e a luta começava. O pai estimulava os filhos dizendo que gostava de saber qual era o filho de mão mais leve para fazer o enxerto, era o enxerto de encosto. Por isso, cada um separava num feixinho o que fazia, para o dia seguinte plantar o enxerto na terra. (Thecla uma das filhas diz: “do meu feixinho da noite, nasceram 9 plantinhas, entre as 24 que consegui fazer. Eu tinha de 6 a 7 anos de idade, embora pequenos, lembro-me que disputávamos quem dos irmãos seria o melhor”).

PROJETO RESGATE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ALTO VALE DO ITAJAÍ

Os enxertos quando prontos eram arrancados da terra, com a raiz nua (sem terra nas raízes) em seguida, enlameadas a raízes, amarrados em feixes separados por espécies que colocados na carroça, bem cedo saíam para vendê-las nas localidades vizinhas, fazendo às vezes até 40 a 50 quilômetros de distância. Em tempos chuvosos precisavam permanecer fora por mais dias até conseguirem passagem nas estradas lamentas e intransitáveis. Com muito trabalho em 1947 Pedro conseguiu comprar um terreno no centro de Laurentino e em 1949 construiu uma casa simples para residir e poder fabricar vinho e comercializar seus produtos, principalmente as mudas e o vinho. A família ia crescendo em idade e número já estavam em 14 filhos e a casa estava pequena e velha, economizou muito e em 1956 começou a construção de uma nova casa bem maior de alvenaria no mesmo terreno. A casa foi construída para residir, mas principalmente fez um porão especialmente para a fabricação e comercialização do vinho e mudas. Durante a construção aproximadamente em 1959 ou 1960 Pedro comprou 3 barricas grandes e uma tina (3.000 litros) que precisaram ser colocadas no porão antes de concluir a construção. Com o passar dos tempos, as coisas foram tomando jeito e as técnicas de enxertia foram se aperfeiçoando, começaram a participar de cursos de citricultura. Nesta altura, os 14 filhos já estavam adultos e foram criando e ampliando seus próprios trabalhos. A família toda se dedicou no ramo, inclusive as mulheres se dedicaram as flores. Fizeram cursos no Rio Grande do Sul, troca de experiência com outras pessoas até de outros estados.

Pedro Nasato (Pietro neto) foi um pioneiro e divulgou a técnica, despertando seus filhos pelo prazer e gosto por tão surpreendente trabalho. Os filhos de Pedro, já evoluídos dentro das últimas técnicas se expandiram grandemente, envolvendo outras pessoas que muito contribuiu para o progresso do município de Laurentino e da região do Alto Vale do Itajaí. A profissão, um tanto penosa, mas compensadora no sentido de despertar a pessoa para a observação, a paciência e a calma pela espera, ao espiritual, pelo mistério e beleza, satisfazendo e dignificando a pessoa pela profissão e pelo modo diferente de ser, amoldando-se ao precioso e belo que é a natureza, levando a um conhecimento sensível e profundo e a compensação pela perfeição.

Modestino, o filho mais velho se distinguiu pela citricultura. Criou a Granja Citrona. Tinha prazer pelo puro, pelo aperfeiçoamento da espécie, divulgando e incentivando o povo para que plantassem dentro dos moldes corretos. Homem inteligente, exigente, gostava da perfeição, sempre por dentro do novo e das novas espécies. Valdemiro, deu início a sua floricultura com o nome de Flora Mariva na cidade de Indaial. Aclimatou a Vitória-Régia, cultivou bromélias, coníferas (ex: pinheiro) plantas homeopáticas, plantas nativas e ervas medicinais. Pedro Nasato Filho reside com sua família na casa de seu pai Pedro até hoje preservando a casa e a continuando com a tradição da produção do vinho e dos enxertos de mudas e está repassando essa profissão e dedicação aos filhos: Maikon que se dedica exclusivamente ao vinho e o Pedro Nasato Neto aos experimentos de enxertos de mudas nativas e novas como os cactos. A residência fica na Rua Ângelo Nasato, 288 – Centro de Laurentino. Telefone (47) 3546 1043.

Todos os descendentes da família de Pedro Nasato (Pietro Neto) trabalham com fruticultura, floricultura, reflorestamento com nativas, ajardinamento, e paisagismo diverso. Comercializam folhagens e flores adquiridas em São Paulo. As plantas frutíferas podem ser reproduzidas tanto sexuada como assexuada, ou seja, por sementes ou por partes vegetativa da planta (rama). A maioria das plantas frutíferas de importância comercial, é propagada vegetativamente, para assegurar a carga genética da planta mãe ou planta matriz aos seus descendentes. A multiplicação das plantas florais que dão flores se dá em grande parte por estaquia (método de propagação vegetativa pelo enraizamento de estacas, ramos ou galhos). Quando as mudas estão prontas, são arrancadas com terra ao seu redor, feito muda-de-torrão – muda com as raízes envolvidas por porção de terra devidamente acondicionada. Muitas mudas são enxertadas nos viveiros que é uma área conveniente demarcada para a produção de mudas, possui cobertura e laterais protegidas com plástico ou cobertura rústica (folhas de palmeira).

Além de Modestino, Valdemiro, e Pedro, os filhos de Juventino, Adélcio, Reinaldo, e a filha Mística e Getúlio continuam com a profissão em várias cidades de Santa Catarina e Paraná.